



ESTRANGEIRISMOS: CONSCIÊNCIA OU NÃO DO USO?

BORGES, Tatiane Gonçalves

Acadêmica do Curso de Pós-graduação em Letras – UFPel, integrante do Grupo de Pesquisa “Línguas em contato”, coordenado pela orientadora Profa.Dra.Isabella Mozzillo
Avenida Bento Gonçalves, 3395 CEP: 96015-140
tatielyborges@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A questão dos estrangeirismos tem sido um assunto bastante polêmico desde muito tempo e tem sido foco de debates entre políticos, gramáticos, lingüistas e até mesmo leigos. Os empréstimos lingüísticos fazem parte da evolução de todas as línguas naturais e são vistos, de um lado, como elementos enriquecedores do idioma receptor, e de outro, como ameaça ao mesmo.

O debate acerca do assunto, apesar de existir há algum tempo, acentuou-se com a criação do Projeto de Lei n.º 1676 de 1999, do deputado Aldo Rebelo, do PC do B. Nesse projeto que “dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa”, o deputado declara lesivo ao patrimônio cultural brasileiro “todo e qualquer uso de palavra ou expressão de língua estrangeira” (art.4º). O projeto foi aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC) da Câmara dos Deputados e segue para última votação no Plenário.

Uma das preocupações do deputado é a possível descaracterização da língua, que seria provocada pela invasão de termos estrangeiros, comprovando seu desconhecimento em relação ao assunto e também ignorando o fato de que os estrangeirismos são fenômenos naturais nas línguas, que eles sempre existiram e que não existe a possibilidade de serem freados, proibidos por lei.

Rebelo não percebe que a compreensão ou não de uma palavra não tem a ver com sua origem e com a língua de onde procede, e sim com o mundo de referências da qual ela faz parte. Qualquer brasileiro não-escolarizado sabe o que é um *carne*, um *cupom* ou um *tiquete*, palavras há algum tempo estrangeiras, mas atualmente tão comuns e corriqueiras, sedimentadas na língua portuguesa por força inconsciente dos falantes, não por decreto.

As sociedades e as culturas mudam, e conseqüentemente as línguas também passam por mudanças. Os empréstimos lingüísticos se inserem na língua por questões culturais, políticas e ocorrem em diversos contextos. O empréstimo tem sua origem no momento em que objetos, conceitos e situações nomeados em língua estrangeira transferem-se para outra cultura. Esses termos, invasores para Rebelo, tiveram que se adaptar tanto ao nosso sistema fonológico, tipologia silábica e estrutura morfológica: *stress* (inglês), palavra que entrou recentemente na Língua Portuguesa (herança do mundo moderno), tomou a forma de *estresse*. Isso se dá porque o padrão da Língua Portuguesa não aceita formação com o “s” inicial, desacompanhado da vogal.

A adaptação fonológica é feita pelo falante comum ao sistema fonológico de sua língua materna, sem nenhuma preocupação de fidelidade à língua de origem. Conforme Carvalho (1989), os fonemas e os morfemas gramaticais parecem infensos à inovação, porque seu sistema possui um pequeno número de elementos, tornando-se fechado. Já o léxico, sistema em expansão, é aberto às inovações. Se o termo estrangeiro permanecer escrito na sua forma de origem, será sempre sentido como elemento estranho ao sistema lingüístico, quanto à sua forma escrita, ao seu “visual”.

São exemplos de palavras vindas de outras línguas: *boate, clube, balé, boné, hotel, futebol, tricô, crochê, butique, panqueca, batom, garçom, judô, ópera, abajur, túnel, trem, menu, restaurante, debutante, golfe, sanduíche* e milhares de outras. Ao lado dessas, *batuque, cafuné, samba e camundongo*, são algumas contribuições africanas que surgiram na Língua Portuguesa; da mesma forma que palavras de origem indígena como: *abacaxi, caipira, maracanã*. Esse fenômeno mostra a capacidade de o português absorver contribuições de outras línguas, a exemplo do árabe, das línguas germânicas, do italiano, do francês, do espanhol, das línguas africanas, das línguas indígenas, do inglês, etc.

A partir da polêmica e das discussões em torno do assunto, objetivou-se pesquisar como essa temática é vista por pessoas de diferentes faixas etárias, se essas pessoas apresentam algum conhecimento a respeito do assunto e se costumam utilizar termos estrangeiros em sua linguagem, entre outras questões.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Os sujeitos desta pesquisa pertencem a duas faixas etárias distintas: Faixa 1 (F1), composta por pessoas de 15 a 20 anos e Faixa 2 (F2), composta por pessoas acima de 50 anos, de ambos os sexos, todos com Ensino Médio completo, residentes na cidade de Pelotas. Algumas das pessoas entrevistadas foram indicadas por amigos e familiares e outras eram pessoas conhecidas. Foi solicitada para cada entrevistado a leitura de um texto contendo aproximadamente 35 estrangeirismos entre palavras da língua portuguesa, seguida da resolução por escrito de um questionário com 10 questões sobre a temática. Alguns dos termos estrangeiros presentes no texto apresentavam a escrita em sua língua de origem como: *down, on-line, affaire, night, happy hour, diet*, já outros estavam adaptados de acordo com o sistema lingüístico do

português como: *uísque, chique, drinque, coquetel, futebol, sanduíche, filme*, etc.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das conclusões a que se chegou é que os estrangeirismos foram bem recebidos pelas pessoas da F1, ou seja, pelos mais jovens. Adolescentes entrevistados, em sua maioria, afirmaram achar positiva a inserção de termos estrangeiros em língua portuguesa e também foram os que mais admitiram utilizar esses elementos em sua linguagem. A discussão atual sobre estrangeirismos se concentra no uso de elementos do inglês. Os anglicismos, assim chamados, estão presentes em todos os lugares: vitrines de lojas, comerciais de televisão, jornais, revistas, roupas, nomes de estabelecimentos. A língua, como não poderia deixar de ser, reflete essa dominação e, portanto, temos um alto número de palavras e expressões provenientes da língua inglesa sendo utilizadas na língua portuguesa com bastante frequência em diversos campos. E é entre adolescentes que tudo isso se encontra de forma mais marcada. O público jovem está mais familiarizado com o mundo do inglês seja em letras de músicas, marcas de roupa, campanhas publicitárias, informática, e é natural que estejam mais íntimos também dos termos linguísticos advindos dos Estados Unidos da América.

Destaca-se também que tanto pessoas da F1 quanto da F2 deixaram passar despercebidos muitos estrangeirismos presentes no texto, o que mostra que muitos deles já estão tão sedimentados na língua portuguesa, que não são mais vistos como termos estrangeiros por falantes do português. Conforme Bagno (2001), uma quantidade enorme de termos que hoje soam perfeitamente naturais para um falante de qualquer extrato social, foram, num primeiro momento, importados, mas que, com o processo lento e gradual de aportunuesamento, foram incorporados de pleno direito ao nosso vocabulário mais comum e trivial.

4. CONCLUSÕES

A utilização de termos estrangeiros não desmerece o funcionamento da língua, pois a incorporação desses elementos à língua receptora não se dá de forma impositiva, mas de maneira natural, obedecendo sua estrutura. Mesmo sendo mais aceito pela faixa etária mais jovem, como foi comprovado na pesquisa realizada, o uso de termos estrangeiros não dificultou em nenhum momento a compreensão do texto proposto para leitura. É por um processo natural, inconsciente, que o usuário incorpora o que lhe é necessário, o que lhe agrada, e descarta o que não lhe serve mais, sem que, para isso, precise de autorização formal.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Cassandra, Fênix e outros mitos*. IN: FARACO, Carlos Alberto (org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. Parábola: São Paulo, 2001.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos lingüísticos*. Ática: São Paulo, 1989.